

O AMBIENTE VIRTUAL NA EDUCAÇÃO MODERNA

The virtual environment in modern education approach

Aletéia Cristina Maia Rodrigues¹
Danielle Pioto de Melo Sansoni¹
Heraldo Carlos Silva dos Santos¹
Sheila Costa Pinto Xerfan¹
Flávia Maria Aragão Arruda¹

Resumo: Na atualidade, é incontestável a relação indissolúvel entre o mundo virtual e o mundo físico. As ferramentas disponibilizadas na rede mundial provocam uma verdadeira revolução. Para muitas pessoas, que estão incluídas nas gerações X e Y tudo isso pode parecer um exagero, no entanto o tempo é inexorável e a humanidade se renova a cada segundo. Os jovens e adolescentes passam muito tempo conectados. Assim, o seu meio social é virtual e passa a ter grande relevância em suas vidas. Neste contexto, este artigo vem informar e propor uma alternativa pedagógica no intuito de aproximar o aluno do professor, a escola da comunidade, e ainda, a longo prazo, redirecionar a educação, deixando de lado pedagogias tradicionais e ampliando os horizontes do ensino, para que os pais de amanhã, que hoje são nossos alunos, estejam conscientes do seu papel na educação. Isso se dará com a inclusão das redes sociais em atividades intra e extraclasse no projeto político-pedagógico das escolas, cuja finalidade é propor uma metodologia menos formal, tornando o estudo mais dinâmico, interessante e motivador, tanto para o educando quanto para o educador.

Palavras-chave: Educação. Tecnologia. Redes sociais.

Abstract: Nowadays, is unquestionable the indissoluble link between the virtual and the physical world. The available tools on the worldwide web provoke a revolution. For many people, which are included in the X and Y generations, everything may seems like an overkill, but the time is inexorable and humanity is renewed every second. Young people and teenagers spend a lot of time connected. Thus, the social environment is virtual and replaced by great relevance in their lives. In this context, this article was written to inform and offer an alternative education in order to approach students and teachers, the the school of the community ans even in a long way, redirect education, leaving traditional pedagogies and expanding teacher's horizons, for tomorrow's parents, that today are our students, will be conscient about the role in education. This will happen with the inclusion of social networks in the curriculum, whose purpose is to propose a formal approach, making the study more dynamic, interesting and motivating for the student and for the teacher.

Keywords: Education. Technology. Networks.

Introdução

Apesar de toda evolução no decorrer da história da educação, percebe-se que poucos passos foram dados se considerarmos a verdadeira expectativa da sociedade de hoje, que toma a escola como principal meio de transmitir o conhecimento e a socialização para as novas gerações.

Da maneira como existe entre nós, a educação surge na Grécia e vai para Roma, ao longo de muitos séculos da história de espartanos, atenienses e romanos. Deles deriva todo o nosso sistema de ensino e, sobre a educação que havia em Atenas, até mesmo as sociedades capitalistas mais tecnologicamente avançadas têm feito poucas inovações (BRANDÃO, 2005, p. 35).

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

Assim, entende-se que a educação deveria servir como instrumento libertador e emancipador para cada indivíduo, que, por sua vez, capacitado, evoluído e crítico, deveria colaborar para a evolução do seu país. Os alunos da escola atual são crianças e adolescentes capazes de realizar multitarefas, ou seja, escutam música e debatem um assunto no WhatsApp ao mesmo tempo em que estudam para as provas. As redes sociais, principalmente o Facebook, vêm revelando uma juventude mais capaz de opinar e se posicionar sobre temas diversos. São, sem dúvida, pessoas mais atentas e conscientes de si dentro da sociedade, ou seja, o adolescente alienado é coisa do passado. O sistema perdeu as rédeas da educação no momento em que a tecnologia unificou o mundo, tornando a distância geográfica quase que inexistente, de certa forma.

O indivíduo era adestrado pelos “comandantes da nação” apenas para servir. Era-lhes ensinado o essencial para executarem suas profissões e continuarem sempre a fazer parte da massa incapaz de pensar, criar e criticar. A rede mundial está mudando esses cenários enraizados na estratégia capitalista e opressora, evidenciados pelas mídias manipuladoras. O Facebook, portanto, oferece oportunidades inovadoras e únicas, facilitando a comunicação e promovendo o aprendizado bilateral, conforme sugere Paulo Freire (1987, p. 17): “Quem mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela”.

Como sabia Paulo Freire, o processo de libertação não acontece unilateralmente, e sim em conjunto, ou seja, socialmente, e é exatamente isso que vem acontecendo atualmente. Tanto o oprimido quanto o opressor têm tomado consciência da capacidade transformadora da juventude aquecida pelas redes sociais, que se percebe como ser social capaz de opinar e pensar de maneira autônoma sobre o mundo e sua sociedade. É neste momento que a responsabilidade do professor deve ser pensada e repensada para evitar o aborto dessa geração. Para tanto, o professor deve estar preparado e atualizado, assim encarnar seu papel de formador político e social.

O educador e a Geração Z

Para educar hoje, é preciso assumir que o contexto mudou e que os jovens são diferentes: pensam, relacionam-se e aprendem de novas maneiras. O aluno atual faz parte da Geração Z: crianças e jovens que nasceram quando o planeta já estava repleto de tecnologias digitais. Vive com fones nos ouvidos e controles na mão. Vasculham sem parar em busca de novidades, sem se aprofundar no que encontram. Não leem manuais de instruções: aprendem *just in time*, à medida que precisam do conhecimento. Preferem fazer várias coisas ao mesmo tempo e em alta velocidade.

A chamada Geração Z, conhecida também como Geração Digital, é caracterizada por todos aqueles nascidos a partir da metade dos anos 1990. Bortolazzo (2012, p. 6) caracteriza o estilo de vida destes novos indivíduos da seguinte forma:

O mundo desses jovens sempre foi habitado por internet, celular, *e-mail* e, de certa forma, são convocados e incitados por novidades a todo o momento. É uma geração que prescinde de informações e estímulos, mesmo que se tornem obsoletos minutos depois. Essa nova leva de jovens chama a atenção dos educadores no século XXI, já que estão prestes a ingressar nas universidades e vêm demonstrando um comportamento distinto das outras gerações no que diz respeito às formas de aprendizagem e aos modos de circulação do conhecimento.

Grande parte desses alunos não chegam à escola com curiosidade para conhecer coisas novas, porque já têm, no dia a dia, múltiplas oportunidades para aprender. No entanto, como

qualquer outra criança e jovem, têm muita energia e são capazes de mergulhar de cabeça em projetos que valham à pena. Desejam ser acolhidos e compreendidos, trazendo em si um mundo de potencialidades. A Geração Z, que nasceu no mundo digital, é assídua jogadora *on-line*: gosta de se comunicar, consumir, trabalhar e estudar com processos que envolvam mecanismos de jogo, bate-papos e brincadeiras.

Em contraponto a essa realidade latente, as novas tecnologias que tanto têm nos ajudado, trazendo com seus avanços uma torrente de soluções e desafios que a escola precisa para criar e difundir informações, têm também trazido preocupações para um dos principais protagonistas desse processo: o professor.

Apesar de tanto avanço cibernético, ainda existem professores que não conseguem se familiarizar com o novo modelo social e, portanto, precisam aprender a utilizar toda essa inovação. Dessa forma, Palfrey e Gasser (2011, p. 13) nominaram Colonizadores Digitais aqueles que estão menos familiarizados com esse ambiente, também conhecidos como Imigrantes Digitais, “[...] que aprenderam tarde na vida a mandar *e-mails* e usar as redes sociais [...]”.

A agilidade com que as novidades tecnológicas surgem e que, em pouco tempo, desaparecem, agravam ainda mais a situação do docente que não consegue acompanhar essas inovações. O quadro negro passou a ser branco e evoluiu ainda mais para telas de plasmas interativas. O que foi novidade na década passada não se ouve mais falar e o que era tecnologia de ponta há seis anos já está se tornando obsoleto. É incontestável o quanto as novas tecnologias têm contribuído para o desenvolvimento e o avanço do conhecimento humano; no entanto, deve-se considerar que a velocidade pela qual fomos “tomados” por essa nova revolução, também tem um lado negativo, que é a obsolescência programada em prol do capitalismo, e, infelizmente, ou felizmente, estamos no meio desse furacão. Esse novo cenário tecnológico surpreendeu tanto as instituições escolares como os profissionais do ensino. O papel do educador deve ser pensado com carinho, dada a sua importância no processo de ensino-aprendizagem e principalmente no âmbito político e social. Ele necessita de tempo, estímulo e dedicação para se integrar ao novo ambiente de aprendizagem e ensino que está emergindo a sua volta.

A rede social

A falta de interesse pela escola é um fator relatado pela maioria dos alunos que abandonaram os estudos. Um dos problemas mais comuns no ensino tradicional é o aprendiz não ver sentido na tarefa. Os conteúdos repassados no formato impresso (próprio do ensino tradicional) não são mais atraentes. Hoje, apoia-se a ideia de que a interação nas redes sociais é muito atrativa para os alunos, verdadeiros nativos digitais. Eles já naturalizaram o uso dessas tecnologias, aumentando seu interesse e sua competência no uso do conhecimento e da informação.

O Facebook pode ser considerado um meio de comunicação de massa, como exemplifica Morin (1967, p. 14) “Massa social é um aglomerado gigantesco de indivíduos compreendidos aquém e além das estruturas internas da sociedade (classes, família, etc.)”.

A cibercultura tem um papel relevante no desenvolvimento da sociedade, possui uma grande potencialidade como nova forma de comunicação, o que encanta os jovens, caracterizando uma nova forma de viver, descentralizando, assim, as informações, como sugere Lévy (1999, p. 47): “A universalização da cibercultura propaga a co-presença e a interação de quaisquer pontos dos espaços físico, social ou informacional”.

Uma escola alinhada com a cibercultura deve reformular o currículo, oferecendo, em vez dos conteúdos isolados e distantes da realidade, o conhecimento conectado em redes de saberes. O potencial existe porque, fora das escolas, tanto os professores quanto os alunos já se utilizam desses espaços de comunicação e diálogo virtualizados.

A preparação do professor e seus direitos

Nem todos os professores estão preparados para trabalhar com as redes sociais e nem outras tecnologias paralelas. Para isso, as instituições de ensino precisariam disponibilizar programas de formação continuada aos seus professores para o uso de tecnologias na educação. Deve-se pensar em formas coletivas de exercer o trabalho pedagógico, levando em consideração saberes docentes teóricos e práticos que, ao mesmo tempo, considerem a comunidade escolar como parte integrante de toda ação educativa. Como indica Hypolito (1999, p. 98-99):

Profissionalismo tem que significar a melhoria do trabalho profissional, mas também a melhoria da qualidade social do ensino. Assim, as comunidades, grupos e movimentos sociais têm que ser auscultados quanto à qualidade social da educação — não sendo reduzidos a “clientes”, como quer o neoliberalismo, mas como agentes que possuem identidades de raça, sexo e classe que, muitas vezes, podem colidir com as identidades construídas pelos docentes. Dessa maneira, a profissionalização tem que incluir o senso político de lidar com a ideia de que as definições de currículo, conteúdos e métodos, devem resultar menos da sabedoria iluminada do profissional e mais das inter-relações com as realidades culturais nas quais se circunscreve o ato educativo.

Os exemplos de profissionalismo, embora possam colaborar para uma melhor percepção das reformas sobre o cotidiano escolar e a caracterização profissional dos docentes, não podem ser tomados como verdade absoluta, pois não há modelos fixos. Essa constante busca da melhoria no processo de ensino-aprendizagem necessita partir também dos próprios profissionais. Estes devem buscar por conta própria sua atualização, lendo livros e pesquisas sobre a prática pedagógica tecnológica. Para que tudo isso aconteça de forma justa, vem à tona uma questão trabalhista e profissional a ser levada em conta.

Tanto a formação continuada dos professores quanto o próprio tempo gasto na elaboração e no uso das ferramentas tecnológicas deve ser enquadrado no tempo de trabalho do docente, que tem esse direito previsto em lei. São 40 horas remuneradas, e segundo o artigo 2º da Lei 11.738/2008 (BRASIL, 2008), 1/3 da jornada de trabalho do professor deve ser destinada às atividades extraclasse. É a chamada hora-atividade, tempo que o professor tem, dentro de sua carga horária, para estudar, preparar aulas, corrigir atividades e atender os pais. Não seria justo acumular todas essas coisas para o professor fazer em seus horários de folga ou mesmo nos fins de semana, sobrecarregando esse profissional tão merecedor da sua importância na sociedade.

Como utilizar as redes sociais na educação

Muitos são os motivos que nos levam a acreditar que as redes sociais são a mais inovadora ferramenta pedagógica no momento. Nossos alunos acessam com frequência essas plataformas, pode-se dizer que são seu legítimo hábitat. Além de muitos outros pontos, as redes sociais têm um potencial inestimável para gerar a interação, que é um dos principais desejos do docente diante de seus alunos, uma vez que o professor, ao conhecer o meio social de seus alunos, poderia planejar suas aulas de forma que atendessem às expectativas de ambos. As aulas seriam, sem dúvidas, menos impessoais e, conseqüentemente, mais prazerosas e produtivas. As possibilidades são incontáveis.

Seria esse momento definido como uma educação do futuro, para a qual o professor futurista deveria se formar, preparando-se para instigar e enfrentar o incerto, tendo em vista que a sociedade na qual está inserido é constantemente invadida por enxurradas de informações e novidades.

Matos e Schrainer (2010, p. 56) trazem uma perspectiva de como deve ser o professor futurista:

Nesta conotação enfoca-se este novo professor que precisa entender tanto de técnica quanto do ensino. É um professor-tutor. Enquanto professor, irradia entusiasmo pela descoberta, pelo aprender e pelo conhecimento. Estimula os alunos a investigar a certeza e criar novos caminhos para se atingir os objetivos. Não sente medo de ir além. Ao contrário, convida os alunos para seguirem juntos. Já na posição de tutor, o professor torna-se um conhecedor das tecnologias. Sabe utilizá-las, e ainda, como empregá-las na aprendizagem.

Os professores que atuam recebem diariamente em suas salas de aula alunos nativos digitais, que interagem no dia a dia no mundo digital. Daí a necessidade de se prepararem para os desafios tecnológicos inseridos excessivamente na sociedade e no ambiente escolar.

O próprio perfil, que é um recurso básico nas redes sociais, já é uma ótima ferramenta de incentivo. O mural do Facebook hoje oferece uma caixa de textos, notas, imagens, vídeos, avaliações, comentários, eventos etc. dos seus amigos. Mostra também as atualizações de páginas que você curte e dos grupos a que você pertence. O “mural” pode servir, portanto, de espaço de comunicação e de discussão; alunos e professores podem ser marcados para incentivar as participações. Mensagens internas, com o uso da ferramenta “mensagem”, possibilita abrir um canal de conversa com um ou mais usuários, servindo de um importante canal de comunicação; já a ferramenta “eventos” pode ser utilizada para lembrar prazos, encontros, palestras etc.

Ainda há outros recursos muito funcionais, como a criação de grupos, que são espaços *on-line* em que as pessoas podem interagir e compartilhar recursos e comentários. É uma maneira de alunos e professores trabalharem em projetos colaborativos. É possível criar grupos abertos, privados e fechados, o que ajuda a preservar a privacidade de seus membros e dos temas discutidos. Quando um membro posta algo no grupo, como um link para um artigo, uma questão ou uma atividade, outros membros receberão uma mensagem do Facebook com a atualização.

Ética e educação nas redes sociais

Nos tempos de hoje, é necessário compreender que a ética começa na infância, pois, trata-se de valores transmitidos por gerações. Nossas crianças são a esperança de um futuro melhor e têm o poder de reinventar as relações, os comportamentos e as formas de aquisição das informações. Portanto, é necessário refletir quais valores são estes que estamos transmitindo às nossas crianças e adolescentes, que muitas vezes preferem se relacionar através das redes sociais, priorizando o individual e descartando o coletivo.

Ignorando e desconhecendo a legislação, nossas crianças e jovens expõem sua privacidade, sem cautela; usam redes sociais antes da idade permitida; praticam e sofrem *bullying* virtual. A internet é uma ferramenta nova e de constante transição, portanto, é importante que se desenvolva um processo de educação que torne os indivíduos mais críticos e conscientes.

Sugerimos um projeto de educação e ética nas redes sociais, um trabalho que vai além da sala de aula, e que os educadores sejam algo mais do que meros agentes repassadores de conteúdos curriculares, pois o uso excessivo da internet talvez seja o resultado da maneira como as pessoas estão se relacionando fora dela.

É de grande importância entender que os novos meios de comunicação tecnológica são mais uma forma de expressão da nossa sociedade, mais um ambiente no qual pessoas estão se encontrando, envolvendo-se e construindo coisas em comum. Se usada de forma positiva, pode gerar grandes frutos, porém, as redes não substituem as relações face a face.

Por isso, defendemos que os valores éticos de um indivíduo devem ser repassados do mundo real para o mundo virtual, embora cada espaço requeira um tipo de comportamento diferenciado, pois, para muitas pessoas, existir é estar nas redes. Neste espaço, cada comportamento precisa de cuidados redobrados, porque gerenciar a privacidade nas redes é um desafio; jovens e crianças podem aprender sozinhas a usar as redes, mas não aprendem sozinhas a ter cuidados nos ambientes públicos.

Propomos, então, um projeto de orientação e uso ético e seguro das ferramentas de tecnologias digitais, pois nós, educadores, temos ou deveríamos ter maior domínio sobre as noções de cidadania.

Conclusão

A internet, que antes era usada apenas para momentos de lazer e descontração pelos jovens, agora passa a ser grande fonte de conteúdo e informação, podendo ser usada de diversas formas para complementar o que é dito em sala de aula. No entanto, é de suma importância adentrar nos fundamentos éticos e morais desta questão.

Defendemos que também é papel dos educadores a proposta de reflexão e educação do uso responsável dos recursos tecnológicos na escola, porém, não há como falar em renovação do ensino, se essas tendências continuarem fora da formação dos professores e gestores escolares. Incluir o uso das redes sociais no currículo pedagógico hoje é um desafio essencial para o futuro dos nossos alunos. Eles precisarão ter consciência de que devem agir com civilidade no mundo *on-line*, para que possam apropriar-se das ferramentas tecnológicas da melhor forma possível.

Por fim, as mudanças precisam começar agora, caso contrário, a máquina do ensino continuará do mesmo jeito que fica um computador que trava: ineficaz, lento e entediante.

Referências

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **As cotas na Universidade Pública Brasileira**: será esse o caminho? Campinas: Autores Associados, 2005.

BRASIL. Lei Nº 11.738, de 16 de Julho de 2008. Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111738.htm>. Acesso em: 22 maio 2015.

BORTOLAZZO, Sandro Faccin. **Nascidos na Era Digital**: outros sujeitos, outra geração. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino/UNICAMP. Campinas: Junqueira & Marin, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HYPOLITO, Álvaro Moreira. **Trabalho docente e profissionalização**: sonho prometido ou sonho negado? Desmistificando a profissionalização do magistério. Campinas: Papyrus, 1999.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MATOS, Elizete Lucia Moreira; SCHRAINER, Juliana. Professor, Educação, Sociedade e a Inclusão das Redes Sociais. In: BONETI, Lindomar Wessler (Orgs.). **Inclusão Sociodigital: da teoria à prática**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2010.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX**. Rio de Janeiro: Forense, 1967.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

Artigo recebido em 15/06/15. Aceito em 17/08/15.
